

O PECADO DO PAI

Luiz-Olyntho Telles da Silva

Não há nada de novo sob o sol, e a eterna repetição das coisas é a eterna repetição dos males. Quanto mais se sabe mais se pena. E o justo como o perverso, nascidos do pó, em pó se tornam.
EÇA DE QUEIROZ, *As cidades e as serras*.

Alá tira o juízo dos doidos para que não pequem.
MACHADO DE ASSIS, *O Alienista*.

O propósito dessa exposição é fazer um comentário a uma observação de Lacan, quando ele está tratando de um dos conceitos fundamentais da psicanálise nos primeiros capítulos do *Seminário* dedicado ao tema – a repetição –, embora esta prioridade, como bem sabemos, seja apenas retórica, pois na vida todos os conceitos aparecem intrincados.

Lacan diz que o significante é dado pela natureza e podemos entender, assim, que preceda o sujeito. Por isso vale lembrar que, embora a teoria psicanalítica esteja construída sobre o *setting* analítico, para sua compreensão, muitas vezes temos que buscar recursos *extramuros*.

Sabemos que as coisas se repetem. Algumas porque são buscadas e outras porque não podemos evitá-las, sempre acoissadas por algum gozo. As crianças gostam de ouvir sempre as mesmas histórias, enquanto os adultos tendem a chatear-se com a repetição sem diferença. Para as crianças, a repetição do mesmo dá-lhes segurança e tranquilidade. As histórias que se contam a elas antes de dormir, precisam ser repetidas palavra por palavra porque elas simplesmente recusam qualquer modificação. Mesmo as passagens mais tenebrosas e horripilantes precisam ser repetidas *ipsis verbis*, pois, por piores que sejam, supomos serem sempre melhores do que seus próprios pensamentos. Quanto aos adultos, estes exigem a diferença. A fórmula spinoziana reza que uma *cogitatio adaequata semper vitat eandem rem, um pensamento adequado evita sempre a mesma coisa*. Porque a tendência é falar sempre do mesmo, uma vez ingressado no campo da cultura, busca-se a sinonímia, ou outras formas de dizer o mesmo, instalando-se assim o engano. Se a maternidade, por poder ser observada e comprovada, representa a natureza, a paternidade, requerendo nomeação, é sempre um dado da cultura, a qual inclui o conjunto de todos os nossos conhecimentos, certos ou errados,

transmitidos de geração em geração. Sua particularização se dá por áreas e muitas delas estruturadas como ciências.

Terão notado, em suas leituras, que Lacan, nesse momento do seu *Seminário*, no comecinho de 1964, parece entusiasmado com a possibilidade de incluir a psicanálise no campo das ciências porque, afinal, as ciências sempre têm um mestre, e a Freud, ele reconhece, não podemos recusar esse lugar. Lacan já sabe, nesse momento, da importância da *fala* e até critica os analistas que desprezam ou criticam seu valor, mas é só dez anos mais tarde, contudo, quando faz algumas conferências no Estado de Massachusetts que ele abre o ciclo, afirmando, com todas as letras, que a linguística seria o lugar por onde a psicanálise poderia engancha-se no campo da ciência. Mas não, a psicanálise não é uma ciência e sim uma prática, definida como a conversação que se dá entre duas pessoas à medida que se frequentam. É nesse encontro singular, eminentemente discursivo, que a cadeia significante já está.

Lembremos que o conceito de prática tem também uma vertente religiosa. O momento da prática é quando, na missa, o padre faz o sermão. Não estranhemos a menção da religião. Ela é um recurso sempre presente no campo do conhecimento. Quando nos encontramos com o inexplicável, as divindades são convocadas. A construção da *Gnose* dá-se desse modo, lembra Lacan, ao aproximar o conhecimento místico dos gnósticos primitivos à epígrafe tomada por Freud dos versos da *Eneida* para sua *A interpretação de sonhos: Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*. Nesse caminho, em direção a uma abertura para o mundo inferior, Lacan lembra-se de Frederic Myers, fundador da *London Society for Psychical Research* (da qual Freud foi nomeado membro correspondente em 1911), em 1893, e criador do conceito de telepatia, em um período em que a moda dos médiuns já estava em seu apogeu, e também de Emilio Servadio que, no ano de 1932, esteve entre os fundadores da *Sociedade Psicanalítica Italiana* e que foi um apaixonado, durante toda sua vida, pela parapsicologia e pelos fenômenos físicos do espiritualismo. Pois a mim parece-me que o fenômeno subjacente a essa preocupação com a intervenção do Além consiste mesmo em uma passagem, a da natureza à cultura. O significante, ele é dado pela natureza, mas a cultura encontrou um meio de servir-se simbolicamente dele e operá-lo. Da combinação desses significantes forma-se a estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente, uma estrutura que tem na descontinuidade uma de suas marcas e permite a Lacan associar o *Unbewusste* freudiano com o *Unbegriff*, traduzido por ele como *conceito da falta*, e transliterá-lo como *une bévue, um engano*. Um diz uma coisa, outro escuta outra.

Enquanto, para Freud, o inconsciente é uma parte do aparelho psíquico, a parte maior – e ele se vale da metáfora do *iceberg* para representá-lo, em sua face submersa –, para Lacan, o inconsciente tem a ver com a relação do sujeito ao Outro. Aí, nessa relação, é que aparecem as obscuridades evocadoras do mundo do Além. O exemplo *princeps* é o do sonho de abertura do capítulo VII de *A interpretação de sonhos: Pai, não vês que estou queimando?* Um sonho que o leva a perguntar-se por que Freud usaria um exemplo assim – quase uma imagem da realidade –, para provar o sonho como a imagem de um desejo?

Para buscar as respostas ao enigma aberto pela pergunta do sonho, Lacan sugere a tragédia de Hamlet. E quando tomamos em conta que a pergunta do filho aparece no sonho do pai, podemos considerá-lo como uma interpretação do ocorrido (o filho morto está realmente queimando porque lhe caiu uma das velas funerárias). Claro! Mas não só. Queima também pelo peso dos pecados do pai, pecados pelos quais já se imaginava no inferno. Estas, aliás, são, praticamente, as mesmas palavras do fantasma do Rei Hamlet: quando conta sua tragédia ao filho, para pedir-lhe vingança, ele diz ter sido morto *na flor dos pecados*. *Cut off even in the blossoms of my sin*. Quando a crítica analisa esse verso costuma dizer que, para sua compreensão, ele precisa ser lido junto com os versos seguintes:

*Fui cortado na flor de meus pecados
Sem comunhão, despreparado, sem extrema-unção,
Sem prestar contas, mas mandado para julgamento
Com todos os pecados pesando em minha cabeça.*

*Cut off even in the blossoms of my sin,
Unhousel'd, disappointed, unanel'd,
No reckoning made, but sent to my account
With all my imperfections on my head.*

Tradutor de Shakespeare, o Prof. Élvio Funck chamou minha atenção para a metáfora da árvore que foi cortada em plena florescência, quer dizer, na fase em que mostra seu maior vigor, maior ainda do que quando dá seus frutos. De um lado, então, temos o Rei dizendo ter sido morto quando seus pecados eram mais abundantes; e morrer de repente, durante o sono, sem tempo para fazer uma boa confissão, era a grande tragédia. Morrer em estado de pecado mortal, sem ter se confessado ao sacerdote, era um caminho direto para o Inferno, uma condenação à pena eterna. Embora os pecados sejam sete, diria que os primeiros a serem

lembrados são os da carne, a *luxúria*. Mas temos de considerar também que, na época, o maior vigor sexual dava-se entre os 20-25 anos; depois disso já vinha o declínio. Ao morrer, o Rei devia andar entre os 45 e os 50 anos, quando sua potência, supostamente, deveria ter decaído por completo. Ao ser envenenado, o seu fantasma diz sentir-se como uma árvore que foi cortada, uma árvore que, ao sofrer o corte, florescia em pecados. Embora árvore, veneno e pecado estejam aqui associados, a floração a que se refere já não era a da sua potência. Ao retirar-se para a sesta no jardim, o Rei era um homem triunfante, retornara há pouco, vencedor, da campanha contra Fortimbrás, o Rei da Noruega. Órfão, o príncipe Fortimbrás quer vingança para recuperar as terras, e, para defender o conquistado, o reino da Dinamarca, por sua vez, arma-se. Morto, o fantasma do Rei Hamlet ainda porta a armadura usada na batalha, o que nos leva a pensar ter morrido preocupado, temendo, quem sabe, ser tomado pela vaidade e pela ira. A Prof.^a Dulcinea Santos, estudiosa dos clássicos, vê na armadura aí presente um símbolo da vida ética, do dever e do triunfo da vontade, da qual o Rei já não é mais potente. A ética determina o preparo para o encontro com o Real. É um jogo de espelhos: enquanto um Príncipe (Fortimbrás) quer vingar um Rei, outro Rei, agora morto, pede ao Príncipe (Hamlet) que o vingue. A angulação dos espelhos permite que as imagens do ódio, da vingança e do amor impossível multipliquem-se ao infinito.

Hamlet é um desdobramento freudiano do Complexo de Édipo, o que nos permite a associação com a Lei do Pai – *como eu, serás; como eu, não serás*. A falha – pecaminosa – no exercício dessa lei aparecerá como falha da interdição ao incesto. Contudo, para compreendermos a angustiante união de pai e filho, por meio do pecado sonhado pelo pai e deixado ao filho como herança, Lacan aconselha-nos recorrer a Kierkegaard, e está lá, em *O conceito de angústia*. Para esse pensador, o pecado transmitido como herança, de geração em geração, é o pecado adâmico. Lacan diz-nos aí para olharmos um pouco para trás, na história da humanidade, para melhor compreendermos o Édipo. Pois foi com esse pecado originário que adentrou ao mundo a *pecaminosidade*. É preciso deixar claro que, *como estado de potencia* – sua determinação quantitativa –, *o pecado não é, ao passo que de actu ou in actu* – sua determinação qualitativa –, *é e volta a ser*. O pecado, pois, é realidade efetiva – *wirklichkeit* –, é ato, como nos esclarece o filósofo dinamarquês. Coincidentemente, *o pecado* – com o qual me ocupo –, na medida em que *ele é objeto daquela pregação em que fala o indivíduo, como o indivíduo que se dirige ao indivíduo*, conforme pondera ele, também *não tem seu lugar em*

nenhuma ciência. Seu lugar de enganche seria a Ética, embora, diz ele, se essa ciência o acolhesse, ela perderia toda sua idealidade.

Ao desobedecer à lei divina, de não comer do fruto da árvore do bem e do mal, Adão afastou-se da graça de Deus. Como podemos observar, Shakespeare leva o Rei de volta ao Éden e o põe novamente a sonhar. E a árvore, como lemos, em *Gênese* 2:9, é a da ciência e está colocada ao lado da árvore da vida, que está no centro do jardim. Algumas traduções deixam entender que a segunda especifica a primeira, conforme se lê em 3:3 e 3:24: a árvore da vida é a do conhecimento! De modo que o grande pecado do pai, a violação da lei divina, consiste na afirmação de sua vontade de saber. Lidados desse modo, poderíamos até dizer que os mencionados versículos do *Gênese* constituem-se em um elogio à curiosidade intelectual do homem, pois, sem esse pecado, a vida, tal como a conhecemos, nunca teria existido. O que essa metáfora nos revela, sem sombra de dúvida, é um ato de rebeldia. A insatisfação com o que está leva-nos em busca do que não está. Ao representarmos aquilo que sabemos como inscrito em um círculo e o que não sabemos por fora dessa esfera, podemos compreender que a cada conquista de um novo saber crescerá a esfera do conhecido e também aumentará a área de contato com o desconhecido, proporcionando, a cada avanço, o reconhecimento do aumento gradual do não sabido frente ao conhecido. Quanto mais sei, melhor reconheço a verdade socrática. Viajando pelas estrelas, podemos assistir ao diminuto tamanho de nosso aquário. As palavras de Machado de Assis, de que Deus tira o juízo das pessoas para evitar o pecado, podemos ver agora, são pura ironia.

Antes de prosseguir, façamos um pequeno intervalo para examinar a palavra *pecado*. Do latim *peccare*, antes de adquirir o sentido de *transgressão de preceito religioso*, por volta do século XIII, conotava *engano* e *tropeço*. In *syllaba peccare* significa *enganar-se numa sílaba* e *equus peccat* quer dizer que o *cavalo tropeça*. O sentido moral do termo, ao que tudo indica, nasceu como uma metáfora acrescentada, por sua vez, à metáfora adâmica. Em algum momento, para explicar a sempre enigmática origem do homem, alguém – talvez o próprio Moisés –, usou a figura de Adão, feita do pó, e a de Eva, feita dos sonhos do Adão, e pareceu tão boa que a posteridade congelou-a e até petrificou-a em diversos lugares, como, por exemplo, nas colunas que conformam os marcos das portas de entrada da igreja de Orvieto, a mesma que, por seus afrescos, Freud deixou-se fascinar. Acontece que, uma vez congelada, a metáfora perde seu valor primeiro, e é denominada – na nova retórica (Chaim Perelman) –, de *metáfora-palavra*, por oposição à *metáfora-viva*. Quanto a esta, conforme Benveniste, é na sequência de

*sua cooptação que as palavras adquirem valores que em si mesmas não possuíam e que são mesmo contraditórios com os que possuíam em outra situação. É este valor instantâneo, provisório, que lhe dá vida. Passado seu uso instantâneo, porém, ela adquire o mesmo valor de um signo e, como tal, as pessoas tendem a dar-lhe crédito. Pois bem, temos aqui então estas duas espécies de metáfora: a metáfora-palavra, da Bíblia, que virou signo, símbolo do saber e da imortalidade, e a metáfora viva, a de Shakespeare, que hora analisamos. Desenvolvendo a metáfora usada pelo Rei Hamlet – *Fui cortado na flor dos meus pecados* –, podemos fazer assim equivaler: *fui cortado* = árvore caída = Pai morto *na flor dos pecados*; *na flor dos pecados* = pai vivo; ou seja, morto, e agora florescendo com mais vigor do que em seus últimos dias: *uma árvore que, ao sofrer o corte, floresceu em pecados*, vigendo na força do Simbólico, dimensão languageira da qual Hamlet participa; pelo pecado, inserido na *pecaminosidade*, pois – ainda conforme Kierkegaard –, *nenhum indivíduo começa no mesmo ponto em que o outro começou, enquanto que cada indivíduo começa do começo e, no mesmo instante, está lá onde ele deveria começar na história.**

Ora, nenhuma conquista é sem angústia, pois o resultado da batalha só é conhecido *après coup*. Até o final, vige a angústia da incerteza. Ademais, a árvore da vida foi sempre interpretada como símbolo da imortalidade. Foi por ter provado do seu fruto que o homem tornou-se mortal. Assim podemos pensar na proibição ao saber como um modo de evitar a angústia de castração. Envergonhar-se da nudez pode ter sido o modo de expressar o reconhecimento da diferença, início da cultura. Mas a pequenez do homem foi associada à sexualidade – não ao seu escasso conhecimento –, e logo sua condenação parecia ser por isso. Não por acaso o conhecer bíblico conota um ato sexual.

E agora, para terminar, retomando a epígrafe de Eça, quando repete o *Eclesiastes*, dizendo que não há nada de novo sob o sol, quero contar-lhes que, ao escrever o texto, minha musa esteve encarnada em um analisante que, por lembrar pouco de sua infância, a repetia, tal qual a afirmativa freudiana. A análise das lembranças da infância, não raro encobridoras do recalcado, abre a possibilidade ao sujeito de incorporá-las à sua vida de um modo mais pleno. Se os fatos que se repetem, como na perspectiva de Eça, dizem de um Real que está sempre aí, as possibilidades de leitura desses fatos, oferecidas pelo Simbólico, estão sempre sendo renovadas. É assim que Lacan lê o apotegma freudiano *Wo es war, sol ich werden*; o *es*, o *ça*, representando o Real, e aí, onde esse Real está (*war*), deve advir, de modo imperativo, não o eu, como uma leitura apressada poderia sugerir, mas sim a cadeia de significantes na qual o

sujeito do inconsciente pode aparecer. E não devemos esquecer que as fontes do Imaginário, como dizia Freud das origens do sonho, comparando-as ao filamentos micélio dos cogumelos, são sempre plurideterminadas.

É isso. *Missa est.*

Obrigado.